

tores e autores de darem gato por lebre. Mas, claro, é preciso, então, que a confusão não venha da parte do comentador, que apenas considere romance o que seja chapa fiel da «*Princesse de Clèves*», ou do romance de Fielding, para se não falar de outros paradigmas, de hábito postos na ementa. Outra coisa já nos parece mais controversa, e é esta: é que, perante uma obra conseguida, apresentada ela como ópera, e sendo-o realmente, pois conseguida, se pretenda que ela devesse ser opereta, ou drama, ou tragédia, ou novela, ou romance, porque assim é que seria melhor. Neste caso, cremos, o comentador deixou de ver o que é para ver o que devia *ter sido* aquilo que o autor não quis que fosse. E isto vem a talho de foice,



pois, ao lermos ocasionalmente um comentário a «*O Render dos Heróis*» de José Cardoso Pires, alguém dizia, por termos que não interessa agora referir exactamente, que se «*O Anjo Ancorado*» fosse romance é que seria a tal super-coisa, e que se «*O Render dos Heróis*» fosse não sabemos já o quê é que seria aquilo que se esperava do seu «inegável talento» (sic), — cabotina, acacianamente falando. A verdade, porém, é que, (falamos pela 2.^a edição, a que temos à mão, e cremos que o mesmo se passa com a 1.^a), nem a editora, nem o autor nos disseram que «*O Anjo Ancorado*» pretendia ser um romance, e, valha a verdade, «*O Anjo Ancorado*» é um dos nossos livros dos últimos anos mais conseguidos, até dentro de uma sig-

«O RENDER DOS HERÓIS»

Dizer-se dum livro apresentado como romance que nele não há um romance, cremos que é admissível. Não para melindrar o autor, — pois que não é por o seu «romance» não ser romance que o livro revela menos merecimento, — é na verdade admissível que o façamos; e mais: é útil, para o autor, e para um público em vias de formação que, não elucidado, continuará a sentir-se perplexo, cada vez mais confundido, tal o sestro de alguns edi-

nificação. Por outro lado, ao referir-se a «*O Render dos Heróis*», é o próprio José Cardoso Pires quem diz, em uma entrevista ao «Diário Ilustrado»: — «*O Render* é uma narrativa dramática, um auto narrativo (no sentido vicentino) pela construção e talvez pelo acento *exemplar* ou de parábola com que é contado». E, no frontespício do livro, sob o título, escreve: — «narrativa dramática em três partes e uma apoteose grotesca». Em outro ponto da entrevista citada, esclarecia: — «Embora se situe num ambiente histórico definido e recorra a personagens reais, «*O Render dos Heróis*» não é uma narrativa histórica. Aconteceu apenas que me pareceu encontrar no clima nacional de 1846, e nos sucessos desse tempo, um ambiente psicológico adequado à parábola dos heróis sem estandarte que é, afinal, o que pretendi descrever. Obedeci evidentemente às linhas fundamentais dos acontecimentos, sem as desviar do seu triste significado. Foi até daí que eu parti — do significado de uma aventura desesperada, sem estandartes, ou seja, sem ideal superiormente organizado. Saíram assim os heróis do acaso ou, se quiserem, os heróis traídos, deste meu livro. A conjura moral e psicológica que os derrotou interessou-me muito mais do que a evolução dos acontecimentos em si mesmos. A realidade tornou-se grotesca e por isso não hesitei em encenar a tragédia com uma apoteose das injustiças, inspirada directamente em caricaturas da época». — E diz mais, ainda: — «Trabalhei neste livro três anos. E ao cabo deste tempo, há pelo menos uma coisa que continua em mim — a convicção de que a melhor maneira de *contar* o assunto do «*Render dos Heróis*» ainda foi aquela que escolhi. A parada dos mitos heróicos (que foi tudo o que eu quis descrever neste caso) figurou-se-me desde princípio com determinado colorido. Isso impôs à narração um tratamento *espectacular*. *Espectacular*, de *espectáculo*. Esta minha história é contada em forma de espectáculo. É uma parada. Deste modo, os capítulos deste livro podem ser realmente *cenas*. E vice-versa. Tanto faz...».

Ora, — que peque a *narrativa* ligeiramente quanto a um «cli-

max», a exigir porventura mais atenção para um «crescendo» *dramático*, — a *parada* dos «heróis» resultou: na apoteose final encontraremos mesmo muitos heróis mais, que não apenas aqueles que pertencem à «narrativa dramática» apresentada, e, entre eles, porventura, o comentador das dúzias que nos levou às transcrições feitas e a este tom de defensor sem procuração que fomos tomando, como que oficioso, mas de mótu próprio. Os ambientes estão sugestivamente recriados. Algumas figuras grotescas são admiravelmente dadas. Maria Ricarda chega a tomar certo acento trágico. A reunião da Junta, a nomeação de P.º Casimiro, a cena de Matamundos e Doutor Silveira na adegá, — são de grande poder caricatural, todo o seu grotesco é aproveitado. Bem aproveitadas são a dicidade popular, o conceituoso aplicado, os versos, tanto os puramente de fundo como aqueles que vêm carregados de sentido. Significativa é a figura do Cego-que-afinal-não-é, como a apresentação da sombra-vulto Maria da Fonte. E, se não nos compete assegurar a viabilidade desta «narrativa dramática» no palco, o certo é que, da leitura, a *parada* resultou uma autêntica *parada*, com colorido, as figuras resultaram vivas. Por outro lado, mais do que a evolução dos acontecimentos, nos interessaram, como ao autor, outras junções, estas de ordem psicológica e moral, pelo que conseguiu ele lograr o seu objectivo, quanto a nós.

Uma nota que nos parece indispensável fazer, é a de que se José Cardoso Pires, viajado, lido, não sacrifica ao ídolo de uma temática alheia às nossas realidades, também os motivos os vai buscar à realidade nacional de ontem e hoje. Assim em «*Os Caminheiros*»; assim em «*Histórias de Amor*»; assim em «*O Anjo Ancorado*»; assim em «*O Render dos Heróis*». E, ou pelo sabor, ou pelo encontro de épocas, não nos foi difícil sentir Arnaldo Gama, por vezes Camilo, por vezes Gil Vicente, nesta narrativa dramática. Aliás, Camilo esteve presente naquela cena da adegá, onde nos passou certo sabor das «*Novelas do Minho*», certa «*Brasileira dos Prazins*», no recorte

das figuras, no pitoresco das situações. E isso, quanto a nós, é importante: significa que, para José Cardoso Pires, a leitura de Vailland, de Chamson, de Faulkner, de Brecht, não o fez esquecer os nossos valores, a nossa tonalidade própria, as nossas constantes psicológicas, os nossos costumes, os nossos motivos, em favor de uma literatura já seriada, insápida, de valores psicológicos tabelados, costumes que nada nos dizem, ideias e princípios que nem bem se nos adaptam e de que se sente o postigo, em inúmeras obras incaracterísticas que para aí circulam. E se Arnaldo Gama pode ajudar a recriar um ambiente histórico ou que o pareça, não poderá Camilo, tão profundamente nosso, dar lições de caractereologia, tal como o nosso Gil Vicente?

Numa polémica, mais diálogo, travada em «*Ler*», discutiam Álvaro Salema e Carlos de Oliveira a possibilidade ou inviabilidade de uma nossa literatura por regresso às fontes, contra a viabilidade de uma literatura nossa por encontro com as literaturas estrangeiras. Ora nós cremos que nem ao mar, nem à serra; mas que será benéfico olharmos um pouco mais para dentro, embora sem desaproveitarmos as lições dos outros, como o faz, parece fazer, José Cardoso Pires, e muito bem, conseguindo-se, a cada livro que escreve, em livros que não são apenas mais um livro, mas que, reflectindo uma pessoal originalidade, — até expressa num estilo enxuto, dicaz por vezes, relativamente policia-do mas sem afectação, desempoeirado mesmo e mesmo, por vezes, oral, — reflectem também um cartesiano aferir dos nossos valores, empenhado, construtivo, ainda quando parece servir um jocoso. (*Publicações Europa-América*).

ROMA

Telef. 72 77 78

De tarde e à noite
Sempre filmes de grande
categoria